

#### 09/16 n.14 a.6 PR



4 Rosa V. Mattos e Silva 8 Luís H. Pellanda 9 Dinovaldo Gilioli 11 Fernando Koproski 11 Henrique Pitt 14 Munique Duarte 15 Camie van der Brug 16 Bolívar Escobar 18 Flavio Jacobsen 22 Douglas Scirea 22 Karen Debértolis 24 Sérgio M. Almeida fotografias de

Ivan Ivanovick

cartuns de

Jonas Oliveira

#### **Editorial**

Em *A feijoada que derrubou o governo*, de Joel Silveira:

Antes que o sol daquele 1.º de abril nos surpreendesse assim, entre atônitos e anuviados, resolvi desligar a televisão. Durante horas, na cobertura do amigo da rua Barata Ribeiro, havíamos assistido ao intenso desfilar de oratória "revolucionária" da mais vária espécie. Em todos os eloquentes e bravos arautos e donos do Poder Novo, um traço comum: a intolerância, a baba raivosa que dava a cada palavra um tom bilioso; e quanto mais insignificante "insignificante até a véspera" o orador, mais descomedida a sua facúndia, chegando mesmo, nalguns casos, a beirar os limites da hidrofobia em seu estado mais agudo. Entre as últimas horas da tarde de 31 de março e as derradeiras da madrugada do 1.º de abril, quantos excitados e fogosos discursadores nos gritaram aos ouvidos as fórmulas, intenções, ideias e diretrizes da Nova Ordem? Havia os notórios falastrões, cuja palavra fácil e enraivecida já feria os nossos ouvidos há muito tempo, repetindo os mesmos slogans, as mesmas tiradas e as mesmas furibundas ameaças. A maioria, contudo, dos que se revezavam no vídeo, quase se acotovelando para bramir seu grito de guerra antes dos outros, era composta de uma arraia-miúda, que jamais poderíamos adivinhar fosse capaz de

tanta impetuosidade verbal e tanta sofreguidão "revolucionária".

Em Obras, de Diderot:

Querem saber a história abreviada de quase toda a nossa miséria? Ei-la: havia um homem natural. No âmago desse homem, entretanto, foi introduzido um homem artificial, e ele desencadeou no interior da caverna uma guerra civil que se prolonga por toda a vida.

#### Onde

Você pode encontrar o RelevO em:

Araucária: Arquivo Histórico Municipal / Biblioteca Municipal / Câmara Municipal / Casca Bar / Duetto Café / Escola Municipal Terezinha Mariano Teobald / Exato Cursos Pré-Vestibular / Fisk / Loteria Zanella / Panificadora Vitally / Papelaria Reginelly / Prefeitura Municipal / Rádio Iguassu / Secretaria de Cultura / Sismmar / Teatro da Praça

**Araraquara:** Biblioteca da Unesp / Biblioteca Municipal / Casa da Cultura / Palacete das Rosas / Biblioteca da Chácara Sapucaia

**Colombo:** Secretaria de Cultura / Casa da Cultura / Museu Municipal Cristóforo Colombo

Quer ser um ponto de distribuição do periódico mais prestigiado pela família brasileira?

Escreva para < jornalrelevo@gmail.com>

#### "Como faiz?"

Escreva para <u>jornalrelevo@gmail.com</u> e assine o impresso independente que mais faz a cabeça da galera!

#### MIM ACHER também aqui:

instagram.com/jornalrelevo facebook.com/jornalrelevo twitter.com/jornalrelevo jornalrelevo.tumblr.com

#### **Quem mais**

Nessa edição, temos fotografias (capa, p. 9 e 18-19) do Ivan Ivanovick e cartuns do Jonas Oliveira (p. 10, 14 e 23).

Para ver mais trabalhos deles, acesse: < flickr.com/photos/ivanovick > < lugardefalo.wordpress.com >

#### Por que

Há muitas razões para anunciar no **RelevO**. Nossos anúncios são bonitos, feitos por artistas plásticos de coração bom e que atravessam na faixa.

Custam pouco – entre 50 e 100 reais – e o anúncio é visto por 3 mil leitores no impresso e aproximadamente 12 mil na edição online. Além de tudo, sua empresa ou empreendimento pessoal auxilia a nos manter independente e longe dos precatórios.

Anunciar aqui é simples *demais*. Como sempre, basta entrar em contato por email ou enviar sinais de fumaça.

#### Quem

Editor Daniel Zanella
Editor-assistente Mateus Ribeirete
Ombudsman Silvio Demétrio
Revisão Mateus Senna
Projeto Gráfico Marceli Mengarda
Impressão Gráfica Exceuni
Tiragem 3.500

Edição finalizada em 02/09/16

#### Quanto

Anunciantes: R\$ 100 Penalux; Tatára; R\$ 50 Avon; Ehlkefarma; Fisk; Livrarias Joaquim; Loterias Avenida; Toda Letra; Torto Bar; Editora Jaguatirica (total: R\$ 600)

Assinantes: R\$ 300 Rejane Machado; R\$ 100 Cinthia Filetti; R\$ 50 Gustavo Martins; Adriana Sydor; Robert Magni; Jim Carbonera; Marco Aurélio de Souza; Suzie Franco; Rafael da Travessa; Evandro Valentim de Melo; Sofia Sant'anna; Marcelo Baja; Fernando Fonseca; Christian Schwartz; Silvana Guimarães; Regis Cardoso; Ades Nascimento; Celso Alves; Felipe Belão; Helena Luiz; Ricardo Gualda; Afonso Gonçalves; Assis Furtado; Hebe Costa; Angelo Rodrigues; Cristina Bresser; Zaclis Veiga; Katia Brembatti; Dinovaldo Gilioli; Gustavo Scussel; R\$ 25 Límerson Morales (total: R\$ 1.825)

Gráfica: R\$ 1.060 Distribuição: R\$ 250 Assinantes: R\$ 350 Papelaria: R\$ 65

Custos totais: R\$ 1.725 Receita total: R\$ 2.425

Balanço de ago./2016: R\$ 700

#### setembro de dois mil e dezesseis

ISSN 2525-2704

fundado em set./2010

#### Cartas do Leitor

VELHO OMBUDSMAN SE MANIFESTA

Ben-Hur Demeneck: Ao obter ISSN, o RelevO finalmente facilita a vida do Vaticano e da China para que seja indexado como obra maldita e subversiva. Com o código numérico, a publicação paranaense agora circula por Babilônia sem precisar de alfabeto para mencionar seu nome. Isto porque o "2525-2704" significa, desde 20 de junho 浮雕, אַכּל, אָכָל e рельеф. Tudo sendo RelevO, tudo sendo "literatura, humor e transparência editorial", tudo sendo editado e impresso desde a região metropolitana de Curitiba (PR), Brasil, América Latina.

Como ombudsman por oito edições, cobrei publicamente que o número fosse obtido. Pensava que São Gutemberg jamais permitiria alcançar essa graça. Mas deu certo. Embora o ISSN sirva para efeitos prosaicos como comercialização, distribuição e até mesmo para cevar currículos Lattes, o seu legado será a catalogação e o arquivamento. Quando um jornal sem fins lucrativos obtém ISSN, ele presta tributo a bibliotecários, a arquivistas e ao "leitor desconhecido". Parabéns ao jornal, que mostra a cada edição que para ser sério não é preciso ser sisudo.

LE FREAK

Munique Duarte: Depois da edição esquisitaça de maio, voltaram ao normal, né? O jornal está com uns poemas muito bons!

**Evandro V. de Melo:** Grata surpresa de conhecer o trabalho de vocês.

Felipe Bassedone: Olá, pessoal. Acompanho o trabalho de vocês através das plataformas virtuais. Parabéns pelo trabalho excelente e até breve!

UÉ?!

**Bruna Muka:** Olá! Uma pergunta, foi mandada a Enclave de agosto por email? Não me chegou nada ainda. Ela é uma das minhas alegrias e sempre a aguardo ansiosamente.

Do editor da Enclave: Obrigado, Bruna. Não houve Enclave, mas voltará ao normal.

SERÁ SÓ IMAGINAÇÃO?

Gerson Nagel: Gostei bastante de ler a reportagem sobre 50 anos do maior ícone da música moderna brasileira, o inigualável Chico Science e sua trupe. Comoveu ler um texto bem escrito e cheio de boas referências sobre a história, trajetória e percalços da banda.

Da Redação: Nagel, acredito que não estejas a falar de nosso periódico. Abraços!

**Erica Bombardi:** Estou conhecendo o jornal agora. Parabéns!

NO DOUBT

**Victor Esteche:** Vocês aceitam textos de leitores?

Da Redação: Já é.

**Eduardo Alcântara:** Por que vocês não publicam textos de coletivos de poesia, esses que são escritos por milhares de mãos?

Da Redação: Nós publicamos, Eduardo. Até vamos nos eventos e congratulamos.

#### **Enclave**

#2 Com dezenas e dezenas de filmes creditados desde a década de 1960, Alan (Allen) Smithee é, facilmente, um dos diretores mais polêmicos da história do cinema. Isso porque, longe de alguma prisão por estupro ou de um eventual relacionamento com a enteada, Alan Smithee não existe. Ao menos não fora do IMDB.

Só Matando foi lançado em 1969, e, com ele, um problema. O longametragem contou com dois diretores: o primeiro deles, substituído durante o processo, não queria que seu nome assinasse a produção; o segundo, bom, também não. Como o uso de pseudônimos não era permitido, foi necessário um acordo para que o Directors Guild of America (DGA) liberasse a oficialização de Allen Smithee, espantalho criativo de um

filme surpreendentemente elogiado.

O nome foi desenvolvido a partir de 'Al Smith', considerado comum demais. Allen se tornou Alan, e, desde então, diretores vêm assumindo o pseudônimo, de imediato ou de forma retroativa, quando alegam não terem tido liberdade suficiente na edição de uma obra, principalmente ao admitirem que o resultado final é um grande dejeto.

A palhaçada esfriou após An Alan Smithee film: Burn Hollywood Burn (1998), filme metalinguístico com Eric Idle, do Monty Python, no papel principal. Idle interpreta Alan Smithee — rá! —, diretor de cinema querendo apagar seu nome de um longa-metragem, mas impossibilitado por, afinal, chamar-se Alan Smithee. A película foi um fracasso absoluto de público e crítica, e o diretor Arthur Hiller, alegando interferências diretas na edição, assinou como... Pois é.

#### **Errata**

No **RelevO** de julho, o cybergótico André se encarregou das páginas centrais. A ilustração ficou tão boa, mas tão boa que quebrou a gráfica: praticamente todos os detalhes não saíram na edição impressa. Para ter acesso ao verdadeiro Rali d'Os Sertões, visite o link: <<u>issuu.com/jornalrelevo/docs/rali dos sert es</u>>, ou confira nossa edição online.

## A documentação em prosa não literária

#### Rosa Virgínia Mattos e Silva

[...] o documento mais antigo em português, com data indiscutível, é de 1214 e contém o testamento do terceiro rei de Portugal, Afonso II. Está explícito, ao fim do documento, que dele foram feitas treze cópias, com o mesmo teor, e a quem se destinam. Delas subsistem duas, uma que pertenceu ao arcebispo de Braga e está no Arquivo Nacional da Torre do Tombo (ANTT), em Lisboa, e a outra pertenceu ao arcebispo de Toledo, hoje no Arquivo da Catedral de Toledo, que só foi encontrada na década de 70 do século passado.

Em rigoroso estudo - Os mais antigos documentos escritos em português. Revisão de um problema histórico-linguístico –, o padre Avelino de Jesus da Costa não só publica as duas cópias remanescentes do Testemunho de Afonso II, mas põe em questão a datação dos documentos não literários até então considerados os mais antigos escritos em português. Demonstra que aqueles antes considerados os mais antigos - o Auto de Partilhas e o Testamento de Elvira Sanches – não são, respectivamente, de 1192 e 1193, mas ambos do fim do século XIII, sendo sim, os seus originais em latim, do fim do século XII. Também demonstra que a *Notícia* de torto, que se datava de 1211, deve ser situada entre 1214-1216.

Nesse período se encontrava o estado da questão, ou seja, a localização no tempo dos documentos jurídicos mais antigos, escritos não mais em latim, como era tradição, mas na língua que pelo menos desde o século IX já seria a variante romântica corrente no noroeste peninsular. Digo que se encontrava porque Ana Maria Martins, ao observar sistematicamente fundos conventuais guardados no Instituto dos Arquivos Nacionais / Torre do Tombo, surpreendeu-se ao encontrar <<br/>boas surpresas>> (2001: 78), nas suas palavras:

A mais gratificante foi o aparecimento de um documento original que permite antecipar do reinado de Afonso II para o de Afonso Henriques a primeira manifestação do português escrito. Pertencente ao fundo documental do Mosteiro de S. Cristóvão de Rio Tinto, tem a data de 1175 e é uma <<notícia de fiadores>> de Pelagio Romeu, ou seja, Paio Soares Romeu, um dos senhores de Paiva, família com assento nos livros de linhagens. (Ibid.)

Trecho de *O Português Arcaico. Uma Aproximação.* v. 1 (Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 2008)

# Em atrito com a pele do real

Ombudsman • Silvio Demétrio

Não há como não falar. No exato momento no qual escrevo esse texto opera-se uma disjunção entre o tempo cronológico e o tempo histórico em nosso país. O inexorável transcorrer do dia a dia continua inabalado, mas a percepção e a perspectiva desse movimento como sentido histórico alterou-se com os últimos acontecimentos políticos no país.

Não consigo desviar desse obstáculo obsessivo. Tentei. A ideia era escrever sobre o por quê de se ler ainda no universo do impresso. Tecnologia, tempo real, convergência, alcance global, tudo conspira contra o impresso. Enfim, era para ser um texto abordando somente isto. E já é coisa muita. Porque o impresso resiste. É uma forma de resistência. E resistir à corrente do não sentido é a única forma de se produzir história, poesia e sentido.

A extração de Mallarmé: "um coup de dés jamais n'abolira le hasard". "Um lance de dados jamais abolirá o acaso". E aqui, em nosso caso, "coup" também pode ser traduzido por "golpe" (coup d'etat = golpe de estado). Quanta civilidade foi deteriorada nas redes sociais pela discussão sobre o que assistimos nesses dias ser ou não ser um golpe. Consumado agora já está. Sendo ou não sendo. E todo mundo dança nesse lance.

O que importa é "não abolir o acaso". Do ocaso de uma transparência maior de nossas instituições cuidemos bem de preservar o improvável como limite. A velocidade da sorte de nossas liberdades que não se deixam capturar. O texto empapelado jamais desaparecerá porque só se faz história impressa. Só se faz história com as marcas. Existe algo de indicial no impresso. Derrida atribui à escrita uma primazia sobre a fala por ter

sua origem ligada a um sentido de demarcação. Toda escrita é territorial. Demarca um território. Uma fronteira. O papel da página como a película do real.

Mesmo que a página e o papel sejam simulados por uma matriz algébrica que você não percebe no branco da tela de um monitor. Essa película permanece. Resiste. Continuaremos produzindo e lendo as impressões desse mundo. Porque assim é diferente. Imprime-se o que se escreve para que disto algo fique. Uma demarcação sobre o deserto do acaso.

É daí que percebo uma ligação entre o tema que iria abordar nesse texto e a opacidade do momento histórico que me embaralha as ideias às percepções. O que vai ficar disso tudo? Quais as impressões, as marcas, as pistas? O registro ativo. Não um conjunto de narrativas. Opiniões qualquer um as tem. Mas há um jogo em forma de batalha na história: o embate entre a razão emancipatória e a razão instrumental.

Prevalece na história a primeira. As razões instrumentais sempre se dissolvem em sua parcialidade. Que Curitiba se cure da "República de Curitiba". Um rançoso e requentado separatismo sulista por debaixo de uma carapaça de desonestidade intelectual. Perversão mesmo. Um mccarthismo tupiniquim reeditado de forma palatável à classe média conservadora que sempre "marcha com Deus Pela Família".

Quanta caretice ainda é suportável até que se perceba essa armadilha? Detesto, senão odeio, escrever com interrogações assim. É amador. Mas é que está sendo difícil produzir essa marca no tempo aqui nessa película do real. Nunca foi tão palpável perceber o que Adorno queria dizer com a expressão "o engodo das massas". Deveríamos erigir um monumento naquela esquina próxima ao Teatro Guaíra na qual a atriz Letícia Sabatella foi hostilizada. Um monumento à coragem da mulher. Um marco sobre a cidade como um enunciado sobre uma página.

Marcar a felicidade de ainda se ter coragem. De se ter graça. De não ser triste. Essa Curitiba imersa em sensibilidade e mistério é que deve sobreviver ao mau gosto dos shoppings centers. Não podemos abolir o acaso de nossas esquinas. Deixar que nos roubem o sagrado direito de querer e de não querer. Ir e vir por onde quer que seja. Com os pés ou com a cabeça e a alma.

É assim que vejo uma resistência do impresso como algo fundamental. Alegoria de uma forma de ser. Possibilidade de vida. Porque lemos também com as mãos. Elas fazem parte da moldura que estabelece uma continuidade entre a película do real da página e a nossa epiderme. Como dizia Valéry, "o mais profundo é a pele". Não abandonamos algumas coisas por simples hábito, é o argumento de Umberto Eco para legar sua fé no livro impresso. É esse roçar de peles, o fino toque entre o mundo sensível e o inteligível que se dobra formando a figura de um leitor. Existe uma subjetivação da leitura que extrai sua forma do universo do impresso. Isso sempre permanecerá, mesmo que na aufhebung (supressão conservadora) de uma tela digital.

Acho que consegui chegar a alguma coisa com esse texto. Espero. Se assim não o foi, que o leitor e o **RelevO** me perdoem. Foi história demais nesses últimos dias. Até gripei. Saúde e sorte, sempre, para todos nós.



A cor e a textura de uma folha em branco é o livro de contos de Carlos Pessoa Rosa, premiado pela UBE/CEPE, em 1998. O autor é médico-escritor, poeta, contista, ensaísta, considerado entre os 20 melhores contistas pela Rádio Francesa Internacional. Publicou também "Sobre o nome dado", "Histórias que o povo conta, mas de seu jeito de contar" pelo Coletivo Dulcinéia Catadora, de São Paulo, e "Una Casa Bien Abierta", texto infantil, pela pequeño editor, de Buenos Aires. Tem trabalhos publicados em várias revistas literárias e coletâneas.

Para adquirir o livro: www.amazon.com

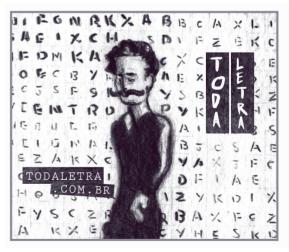












lan Amorin



A editora completa 4 anos de atividades, contando com mais de 330 títulos no catálogo – livros publicados em praticamente todo o território nacional (presença autoral em 21 estados, mais o Distrito Federal).



Conheça nosso trabalho, acessando www.editorapenalux.com.br e facebook.com/penaluxpenalux.

Para envio de originais: originais@editorapenalux.com.br





E-PARANÁ AM 630 I DOMINGO – 13H APRESENTACÃO ARLINDO MAGRÃO



AVENIDA MANOEL RIBAS, 2532 4RAUCÁRIA PR I (41) 3643-4881



(41) 3031-2357 (41) 9663-7557



Juiz Otávio Prendin Costa

Fábio Tokumoto/Carol Zanelatto



LIVROS (VINIS JOAQUIM LIVRARIA & SEB RUA ALFREDO BUFREN, SL CENTRO | CURITIBA, PR

INFO@JOAQUIMLIVRARIA.COM.BR JOAQUIMLIVRARIA.WORDPRESS.COM FB.COM/JOAQUIMLIVRARIA

#### ombudsman

RelevO divulga aos leitores uma oficina de jornalismo inédita no Paraná:

(AUTO)CRÍTICA EDITORIAL - OMBUDSMAN com Ben-Hur Demeneck e Daniel Zanella

VIII Enpecom I Encontro de Pesquisa em Comunicação da UFPR I Crítica de Mídia Daniel Zanella e Ben-Hur Demeneck mantiveram a relação de "confronto" entre editor e crítico editorial durante oito meses entre 2015 e 2016 no jornal RelevO. Zanella é editor, desde 2010, da publicação. Demeneck é doutor em Ciências da Comunicação pela ECA-USP e professor de Jornalismo na UEPG; e antecedeu Silvio Demétrio no cargo de ombudsman.

Local: Campus Juvevê da UFPR Data: 01/10 (sáb), pela manhã.

Valor da inscrição dos ouvintes: R\$ 20 (até 26/08) e R\$ 30 (até 20/9).

> Vagas limitadas www.enpecom.ufpr.br/inscricao/

#### Métodos de urubu

#### Luís Henrique Pellanda

Nada contra os urubus, pelo contrário. Morador do Centro de Curitiba, sou vizinho e admirador de vários deles, a quem já identifico individualmente e sem esforço, avaliando a placidez de suas fisionomias e a sábia naturalidade com que esperam pelo fim das coisas. Aprecio, sim, essa calma exemplar que os distingue de tantos outros pássaros urbanos. E aprovo, sobretudo, sua recusa à obsessão contemporânea pela proatividade, seu desapego às medidas antecipatórias, às vaidades da predação, ao histrionismo dos voos rasantes. Eles preferem aguardar uma chance, só isso, penteados pelo vento que varre os edifícios, naquela pose corcunda e sempre lamentável, indecisos entre a pedra das gárgulas e a humildade das galinhas.

Faz tempo que convivo com eles, e garanto: até combinamos. Não costumo receber visitas em casa, menos por casmurrice que por pudor, mas a essas aves abri uma exceção amistosa. Dia sim, dia não, admito dois ou três urubus em meu modesto terraço na Ébano Pereira. Nunca me arrependi, as tardes são ótimas e, daqui do alto, tudo o que fazemos, quietos, é olhar a paisagem.

Não, meus convidados não parecem gostar do que veem, mas jamais ouvi, de sua parte, qualquer crítica ao nosso sistema de vida. Jamais um pio, de desgosto ou deslumbre, sobre a praga dos espigões espelhados de azul, ou o embaçamento do horizonte e da Serra do Mar, ou o lixo que se acumula nos miolos de quadra, os perigos do tráfego no céu e a burrice do trânsito terrestre, encoberto pela frágil floração dos jacarandás e das corticeiras. Nada disso os anima ou aborrece, nada os toca em sua dignidade de seres impenetráveis, nada — a não ser nossas manifestações populares, cada vez mais rotineiras e ruidosas.

Antes, os urubus adoravam as aglomerações humanas. Eram acometidos por uma gostosa ilusão de miséria, de alegre catástrofe, de acidente irrefreável. Diante das multidões, era até comum eu flagrar, no olhar dos pássaros em meu terraço, um fulgor feliz, de esperança. Mas essa expectativa de banquete não durou: as aves se acostumaram ao que julgam ser a boa sorte dos homens — e nos deixaram pra lá. Afinal, são bichos fortes e finos; ao contrário de nós, sabem administrar sua impotência.

E é por isso que, hoje, ao acompanharem daqui de cima o natal no Palácio Avenida, ou o carnaval no Largo da Ordem, ou a profusão das marchas e protestos na Boca Maldita, os urubus o fazem com certo desdém de raposa de Esopo. É a única arrogância a que se rendem, esta empáfia de fábula. Decerto acreditam

que, de nossas festas e desejos mais fundamentais, não sairá recompensa alguma, nem para nós, nem para eles. Ah, escutei um de meus convidados suspirar, a humanidade nunca esteve tão inalcançável.

De fato, só agora percebo: gosto dos urubus justamente por seus defeitos, fraquezas e contradições. Dia desses, por exemplo, eu os vi penetrando, desajeitados, no vão estreito e escuro entre a caixa d'água e a cobertura do prédio colado ao meu. O lugar estava cheio de ninhos de pombos, que se agitavam inutilmente em torno dos invasores, na tentativa de afugentá-los e salvar seus filhotes. Aflito, decidi intervir. Abri a vidraça com escândalo e me preparei para gritar. A dez metros do conflito, bastaria um berro meu para que os urubus voassem e os ninhos fossem poupados.

Só que minha voz não saiu. Algo me forçou a calar, fechar novamente a janela e descer a cortina. Nada contra os pombos, pelo contrário. Mas creio que a convivência me fez compreender os urubus, suas fomes e seus métodos. A compreensão, vocês sabem, pode ser o inferno. E também o éden dos carniceiros.

Do livro *Detetive à deriva* (Arquipélago Editorial, 2016)



# setesetas

# Dinovaldo Gilioli

minha mão arranha tua aranha

mente sã corpo sonha

na adega nádegas correm s o l t a s vinho para os olhos

retesar os seios cheiro de cio primeiro que abriu

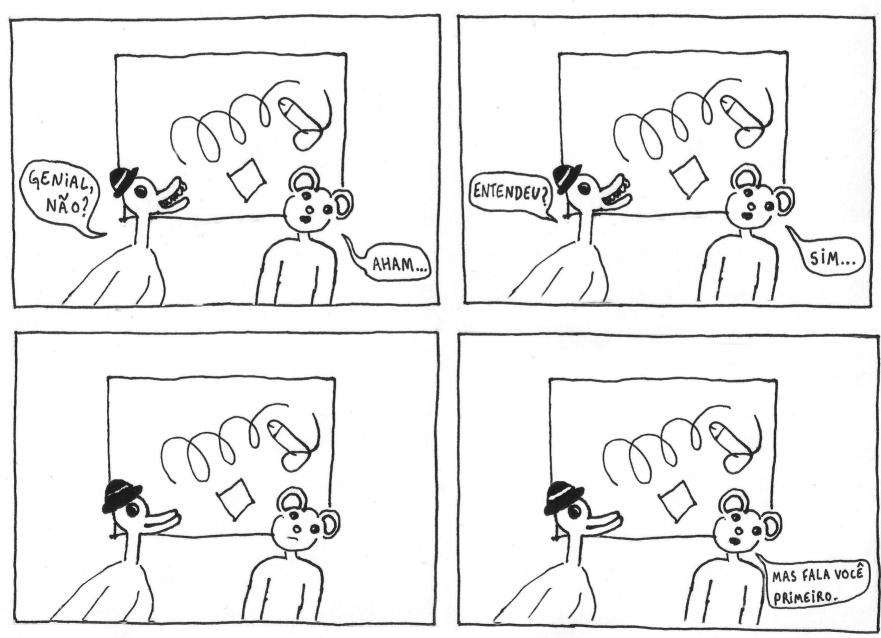
em tuas pernas caranguejo aceso estação do fogo

com o morno pincel da minha boca desenho palavras em tuas coxas

em teus seios minha boca não tem osso

alonga-se até ao pescoço

num gozo profundo a estrela rasga o mundo



JONAS OLIVEIRA - LUGARDEFALO. WORDPRESS. COM

#### 3. O Dr. Lauro Mariano

#### Fernando Koproski

Quinta-feira, 17 de julho de 2014,

O paciente continua apresentando sintomas de ansiedade e eventuais crises de depressão. Depois do início do tratamento com Venlafaxina 150 mg, as crises de ansiedade baixaram sensivelmente, mas ainda não a ponto de estabilizar completamente o indivíduo. A dosagem inicial de 37,5 mg foi insatisfatória. A dosagem seguinte de 75 mg revelou-se insatisfatória. A dosagem seguinte de 112,5 mg revelou-se igualmente insatisfatória. Espera-se que com o aumento da dosagem de 150 mg para 300 mg, diminuam os sintomas de ansiedade generalizada.

O paciente relatou um aumento de sonolência, dores de cabeça, vertigem, tremores involuntários e perda de memória recente, perda de libido, indícios de labirintite e insônia, o que está plenamente de acordo com as reações adversas previstas. O aumento de peso do paciente, cerca de 12 quilos em dois meses, é mais que natural e esperado. Já as alucinações auditivas, sensoriais e a insistência em acreditar na existência de seres imaginários, tais como a figura recorrente de uma poeta suicida chamada Ana C., ou mesmo o falecido poeta Fernando Koproski, ainda são preocupantes. O paciente por vezes parece atribuir uma importância exagerada a estas pessoas irreais, enquanto negligencia completamente as pessoas reais que participam ativamente de seu círculo de relações, tais como sua secretária Clarice e os colegas escritores Narciso e Poe Lako. Espera-se que ao administrar uma dosagem maior da medicação, o paciente cesse com as alucinações.

Trecho de *A teoria do romance na prática* (7Letras, 2016)

# **Henrique Pitt**

desta noite-ampulheta serei sentinela. silhueta que sinto: tua buceta minha janela

hoje de tarde não saiu um rabisco que prestasse.

vou deitar meu corpo no meio dessa rua molhada e deixar, até que o orvalho me atropele. se nem pra isso valho ao menos sentirei brotar ali, as flores da minha pele

não passo de um alvo que facilmente se aflige. qualquer algo que me distingue mal eu digo já me atinge

# Poetizações que não dizem absolutamente nada

para recortar e in

O amor é uma gruta no céu	Amigo é elixir
Viver é pisar nos próprios pés	A maior compreensão é não entender: o desconhecido é mar e navio
Um poeta é e deixa de sê-lo	Uma mulher é ou não é
A maior fábrica de realidades tem nome: chama-se imaginação	Depois da tempestade sempre vem a narrativa
Durante a prova, o professor está em silêncio	Troque suas folhas mas não perca a estação
O maestro fica de costas para a plateia	Falar de coração vazio é falta de caráter
O amor é um bálsamo de águas cristalinas	O tempo deixa perguntas e traz verdades
O inferno está por dentro	Não há como subir montanhas sem interpretar silêncios
Compaixão é fortaleza	Nada do que foi será
I Tenha sempre pronto o anzol; peixe é rio	perfeita mesmo só a imperfeição

#### **RelevO** Líricas

O papel é o corpo da poesia	Não sou senhor do tempo, mas sei que vai chover
O homem é um poço indescritível de contradições l	Ah, mas mãe é mãe
Viajar é ser o próprio ponto de encontro	O vento da calmaria é o sopro de Deus
Só se é jovem uma vez: pra sempre	Chacoalha a árvore da vida, caem as folhas
Viver é usar o provador da loja da vida	O alpinista da alma escala a montanha de costas i
Quem chora pra fora vive por dentro	Qual é o cimento que une os tijolos da mente?   Memória
Chover é verbo pessoal. Choveste, chovemos	O tempo é um oceano de interrogações
Ler é atravessar descalço a ponte da vida	Concorda comigo aquele que acorda no escuro
Na cidade do coração, o futuro nasce museu	Na escada da vida, subimos para os lados

I Se a vida é circo, façamos da morte palhaço

serir

Sonhar é pular o muro da consciência

a!

# Nunca mais

**Munique Duarte** 

Dentro dos olhos azuis do estrangeiro eu vi algumas pontas de dúvidas na cor castanha. Dúvidas possuem cores que não definimos bem como são. Mas isso não importa. Ele queria saber como se chegava à estação de metrô da Sé. Eu havia impresso o mapa e levado comigo, apesar de precisar percorrer poucas estações até São Bento. Dentro dos olhos dele, algumas dúvidas se apagaram depois de dar uma olhada no meu mapa. Continuou atrás de mim, na fila da compra dos bilhetes, e não perguntou mais nada em seu português embolado com espanhol. Demoramos muito nessa fila. Ele se interessou por livros baratos na vending machine, mas não comprou nenhum. Nem eu.

Compramos o bilhete e eu não tinha moedas para ajudar no troco, uma vergonha. Tudo bem, dois anos sem ir a São Paulo. Olhando para o guichê ao lado, o estrangeiro ainda guardava o troco no bolso. E é nessas horas que me lembro dos mistérios do "nunca mais". Nunca mais verei o estrangeiro. E o que importa? Não o conheço. Embarco no vagão. Tento me segurar, porque sei que o trem se moverá dando arrangues. Mais ou menos lotado. Um pouco antes do sinal que a porta se fechará, entra o estrangeiro no mesmo vagão onde estou. Me passa um meio sorriso, afinal, somos conhecidos recentes. Pequenos amigos de informação do metrô. Ele comenta que a fila da bilheteria demorou. A cidade não para e o trem parte.

Uma estação. Duas estações. Três

estações. É cedo e não sou de conversar muito durante a manhã. Acabou a conversa com o estrangeiro, que ficou mais ou menos ao meu lado durante a viagem curta. Quando anunciaram a estação de São Bento, pensei novamente nos mistérios do "nunca mais". Desceria ali. E o estrangeiro? Não, ele seguiu viagem pelos trilhos emaranhados de São Paulo.

Pelas ruas de São Paulo — percorri poucas porque a viagem foi curta — vi muita gente. Vi muitos coreanos. Coreanos e mais coreanos. Comprei, conversei, pedi informações. Gente, muita gente. E, no final, lembro-me das dúvidas castanhas do estrangeiro. Sanei algumas. Segui a longa viagem de volta e penso novamente nos mistérios do "nunca mais", agora sem a força de antes.

#### FUTEBOL HIPSTER



## Cap. 16: A ocupação da Fazenda Marrecas

#### Camie Van der Brug

Era apertado viver entre as lonas de plástico preto. Todos escutavam tudo de todos. Cada um tinha sua própria lâmpada, mas, se os seus vizinhos não apagassem a luz ao mesmo tempo, ficava tão claro quanto antes. "Era que nem nas novelas", conta Seu Pacheco, "você apagava a luz, mas ficava tudo claro." E se de madrugada você acidentalmente se encostasse na cortina de plástico agrícola, os filhos do vizinho espetavam um garfo entre as suas costelas, sinalizando que você deveria rolar de volta e retornar à posição inicial no seu outro lado.

Neuri continua: "Tinha tudo para dar briga, mas quase não deu, porque as regras eram severas. O cara que brigava era expulso, tinha que ir embora. Até quando aprontavam fora do acampamento a coordenação chamava a atenção e poderiam ser expulsos. Porque senão vira uma baderna. Oitocentas pessoas é oitocentas opiniões.

Podem se entender mais ou menos, mas no fim, no fim, não fecha.

Se tinha desentendimento, eram chamados para uma reunião da coordenação e cada um explicava sua razão e tomava-se uma decisão, quem estava certo e quem estava errado. Tinham que se acertar de novo, senão tinha que ir embora. Nesse ponto, a organização era bem boa. Às vezes meio severa, mas necessária. Expulsada mesmo foi uma família só. Ele andou puxando a noite um revólver para um agiota. Daí, mandaram ele embora. Ele foi, nem resistiu. Outros deixaram o acampamento por vontade própria, desistiram com o tempo"

# Todo poema carrega o orgulho de ser mais do que simples prosa e a vergonha de não ser o suficiente para tornar-se música

**Bolívar Escobar** 

- Casemiro, acorda!
- Hmmm...
- Casemiro!
- Credo, Ju, o que diabos? Tá passando mal pra me acordar desse jeito?
- Eu acho que vi um fantasma.
- Viu o quê?
- Um fantasma, Casemiro! Porra! Um vulto preto passou diante dos meus olhos agora mesmo, eu acordei sentindo um calafrio, como se uma língua gelada tivesse passado pela minha cara...
- Ou, ou, ei. Calma. Fantasma? Ju, acho que você teve um sonho, um pesadelo...
- É sério, Casé, eu não tô brincando!
- Meu Deus, são 3 da manhã...
- Cê não tá entendendo! Eu juro que vi um vulto passando, olha! Olha aqui meu braço, tô até arrepiada, Jesus! Vou ligar pra minha mãe e pedir bênção.
- É o fim do mundo mesmo, viu.

Onde que passou o vulto?

- Ali, na porta. Passou e eu vi só a pontinha da capa no espelho.
- Capa? Ah, era o Batman que você viu então.
- Vai fazendo gracinha! Vai! Ficou aí roncando feito um sapo-boi, se fosse você que tivesse visto eu estaria levando super a sério, estaria com o terço na mão já.
- Ah, jura que eu tava dormindo e não vi o vulto? Talvez porque seja isso que as pessoas costumam fazer às 3 da manhã, Juliana! Se acalma, vai, não existe essas coisas de vulto, visagem, aparição. Isso é tudo dos filmes... Casemiro interrompeu a fala quando viu, passando pelo espelho, uma capa preta cheia de buracos, sobre algumas nuvens de fumaça. Calou-se imediatamente enquanto seus olhos se arregalavam.
- O que foi, bem? Tá olhando o quê?

- Perguntou Juliana, virando o rosto para a mesma direção. Parado, em frente ao espelho, estava um fantasma.
- PUTA QUE PARIU um fantasma! Sai, coisa ruim! É o próprio capeta! É o fim do mundo! Casemiro, pega o telefone e chama a polícia, SOCORRO!
- Calada, humana! Disse a aparição sobrenatural, erguendo a mão e fazendo a capa revoar ao redor do seu corpo flutuante. A voz parecia vinda direto do fundo de um poço. Casemiro baixou os olhos e ficou procurando algum suporte embaixo dos pés da criatura: nada. Estava voando mesmo. "Cacetada", pensou.
- O que você quer, bicho horroroso?
  perguntou o marido, enquanto abraçava a cabeça de Juliana que, desesperada, não conseguia desgrudar os olhos da coisa.
- Geralmente, fantasmas apareciam

quando precisavam resolver assuntos inacabados no mundo dos vivos. Casemiro sabia disso, lera em algum livro de contos medievais ou algo do gênero, e imediatamente começou a fazer uma recapitulação mental de todas as merdas que fez ao longo da vida: quando derrubou um amigo de seis anos da casa da árvore, ocasionando uma fratura óssea; quando tentou fugir da escola durante o recreio e acabou tomando uma expulsão junto com Roberto, seu comparsa de traquinagens; quando voltou bêbado para casa dirigindo após uma festa na faculdade e arrancou o retrovisor de outro carro que estava estacionado na rua; quando jogou no meio do mato o cadáver de um guaxinim, em vez de lhe dar um enterro apropriado. "Será que eu já matei alguém sem querer?", indagouse. Casemiro não era do tipo que gostava de armas, inclusive sentia certa repulsa. Para ele, ter um revólver em casa não eliminaria o medo de ser assaltado, muito ao contrário: adicionaria um medo à experiência: o medo de ter que, um dia, apontar uma arma para o rosto de um ser humano. "Que injustiça", concluiu. Para ele, o fantasma era alguém que morreu por acidente desencadeado por alguma ação sua. Tipo na teoria do caos, "o filho da puta do efeito borboleta". Juliana, paralisada pelo pavor, já mentalizava orações e racionalizava a aparição como consequência de seu péssimo comportamento na juventude de "menina namoradeira" que tivera. "Ah se eu soubesse!", concluiu, recapitulando as frustrações amorosas pelas quais passou e enfim pesando-as na balança da penitência como fúteis e não compensatórias pelo castigo que, enfim, havia chegado.

- Não se exaltem, casal. Eu venho aqui pedir ajuda. exclamou o fantasma, desta vez em um tom menos impositivo de voz. Casemiro e Juliana trocaram um olhar de dúvida. Eu preciso que vocês entrem no Facebook.
- Facebook?
- É, cacetes. A famosa rede social.
   Eu, o fantasma Abelardo, preciso
   que vocês entrem lá, com meu login

e senha, e postem uma parada. Um texto que eu escrevi.

Juliana soltou um riso abafado: suas expectativas estavam completamente dilaceradas agora que o nome do fantasma havia se revelado como "Abelardo". Isso lá é nome de fantasma? Resolveu responder:

- Desculpa, eu acho que não entendi. Por que diabos um fantasma precisa entrar no Facebook?
- É verdade, complementou Casemiro. — Tá certo que isso é melhor do que, sei lá, arrastar a gente pro inferno, hahaha! Mas poxa, o computador fica lá embaixo, na sala. E o quarto do Fabrício fica no caminho, eu não quero acordá-lo, o coitado vai morrer de susto...
- Silêncio! exaltou-se Abelardo, o fantasma. — Não queria ter que perder meu tempo explicando, mas tudo bem. Morri durante uma discussão na internet, vítima de uma tempestade de raios. Na ocasião, um rapaz chamado Jeremias Johnson discordou das minhas opiniões sobre o veganismo. Minha réplica claramente o afetou, já que a resposta seguinte deste filho da puta tinha quase 4 mil palavras. Antes que eu conseguisse terminar de ler e postar meu contraargumento, um raio atingiu o poste de luz na frente da minha casa e a corrente elétrica passou pelo fio do mouse e fritou meus órgãos internos. Por sorte, fui direcionado a uma seção no paraíso na qual tive contato com vários especialistas, dentre eles um iluminado chamado Corroborógenes Malfritando. Graças ao meu ímpeto, hoje pude retornar ao mundo dos vivos para poder dar a resposta a Jeremias e reparar este terrível erro: o erro de fazêlo acreditar que eu, Abelardo, perdi uma discussão no Facebook. Seguiu-se um pesado silêncio. Casemiro e Juliana não conseguiram processar completamente o discurso do fantasma, parecia uma mentira muito bem elaborada, uma pegadinha. "Deve ser um trote de algum amigo safado do Casemiro",

pensou Juliana, crispando o olhar.

computador, humano mortal, e

— Bom, e aí? Leve-me até o

então poderei retornar ao meu descanso eterno.

\*\*

Em silêncio, Casemiro, trajando um roupão, e o fantasma Abelardo, trajando uma esvoaçante capa preta, ligaram o computador da sala, que inicializou sem demora e já estava conectado à internet banda larga. Abelardo ditou a Casemiro seu login e senha e logo a homepage da rede social estava aberta, mostrando as inúmeras mensagens de "descanse em paz" não lidas. Casemiro lembrou de um fato aleatório: em algum tempo, o Facebook teria mais perfis de pessoas mortas do que vivas nele. Tomado pela curiosidade, resolveu perguntar:

- Ham... E então... Como é?
- Como é o quê?
- O outro lado. A morte. Como é? Você era de qual religião?
- Não posso falar.
- Ah, poxa. Fala aí. Não precisa explicar toda a cosmogonia, só dá uma palhinha. Dá pra encontrar qualquer pessoa que já morreu mesmo?
- Sim
- Albert Einstein? Átila, o Huno? Andy Kaufman?
- Kaufman ainda vive.
- Eita!

Login feito, Abelardo começou a ditar para Casemiro seus argumentos contra o veganismo. Segundo o sábio Malfritando, não há vantagem em deixar de comer carne, já que isso apenas diminui a demanda, tornando-a mais barata e, portanto, mais acessível às camadas mais baixas da população, que até então não a consumiam. Era uma lei simples da economia, mas que Abelardo, em toda a sua eloquência, levou quase uma hora para desenvolver. Casemiro já estava cansado, mas resolveu não contrariar o fantasma durante seu ofício improvisado de datilógrafo sobrenatural.

- Está tudo bem aí embaixo? perguntou Juliana, que espiava do corredor.
- Sim! respondeu imediatamente
   Abelardo. Só faltam as referências.

— Referências? — perguntou

Casemiro, incrédulo.

- Você acha que eu voltaria do mundo dos mortos sem pelo menos dez referências para citar na minha resposta?
- Ok, foi mal. Credo.

\*\*\*

- Será que deu certo?
- O quê?
- O Jeremias. Tipo, será que agora ele se convenceu que o veganismo é nada a ver?

Casemiro e Juliana discutiam na cama, deitados. Não conseguiriam dormir pelo resto da noite. Após postar a resposta, o fantasma soltou uma gostosa gargalhada e, em uma espiral de fumaça, desapareceu diante dos olhos do casal. Casemiro ficou alguns segundos esperando um retorno para um post-scriptum. Porém, não presenciando mais vulto algum, decidiu desligar o computador e voltar pra cama.

- Acho que não respondeu Juliana,
  que admirava o teto, tentando se
  concentrar em apenas um pensamento
  mão sei se alguma discussão na
  internet já funcionou nesse sentido.
- Após alguns minutos sem falar nada, suspirou, refletindo em voz alta:
- O que você acha disso tudo? Da vida após a morte? Agora meio que sabemos que a alma é eterna, não?
- Eu acho que sim…
- Vamos começar a rezar antes de comer? Só pra garantir.
- Boa.

\*\*\*

O pequeno Fabrício acordou cedo. Era sábado, espiou por uma fresta na porta do quarto dos pais e viu que ambos ainda dormiam. "Eita", pensou. Foi até a cozinha, pegou uma banana e foi comer na frente do computador. Quando entrou na internet, viu que o Facebook salvou a senha de um tal de Abelardo. Sem entender muito bem, entrou no perfil do desconhecido, postou "sou gay" na timeline e desconectou da conta logo em seguida, enquanto ria.

# Sempre um outro port

Flavio Jacobsen



"(...) erguendo os olhos, pensou que chegar a Veneza por terra era como adentrar um palácio pela porta dos fundos, e que não devia chegar à cidade mais inverossímil de outra maneira que de navio, sobre o altomar, como agora chegava".

A frase do personagem Gustav von Aschenbach, de Thomas Mann na novela *A Morte em Veneza* me veio à mente no exato instante em que o marujo ao fundo da taberna encarou-me fundo nos olhos. A uma distância razoável, o que não impediu a profundidade oceânica, o homem trajava touca e capa de chuva pretas, era dono de uma barba longa e ladeava um saco de meio metro, do tipo com alças para se levar às costas.

Eu acabara de desembarcar em Valparaiso — por terra, daí a frase me vir de súbito: "pelos fundos do palácio" — oriundo de Santiago do Chile. A taberna ficava a cerca de duzentos metros do terminal rodoviário e foi o primeiro lugar que encontrei, ou que minha fome detectou.

Uso o termo taberna porque foi assim traduzido nos livros e filmes de infância, de piratas e marinheiros, fitas onde Errol Flynn flutuava sobre o convés e o capitão Ahab amaldiçoava a baleia, feito um Jonas às avessas. Não, aquele lugar não era fake. Não havia caveirinha, nem conchinhas, nem adornos. Era uma autêntica taberna. E o marujo que me encarou tinha a mesma tez do que surgiu em meio à névoa num píer em Santos há muitos anos, com um tarugo na boca, pediu fogo e desapareceu de volta no fog, como retornasse a um conto de Herman Melville.

Fui sorvendo um ralo café solúvel, servido à mesa por uma senhora obesa que parecia estar ali havia duzentos anos, atendendo a piratas e personagens do citado Melville ou Conrad, talvez os próprios, em alguma aventura pelos mares do sul. Ou por que não Bolaños ou Neruda, filhos da terra que não raro davam por ali suas caras fugidias da conservadora sociedade opressora do Chile?

Era muito cedo, de manhãzinha. O

café me devolvia ao mundo dos seres acordados. Sabia eu ser o estranho no local, e o marinheiro mal-encarado não ser o único do gênero por ali. Quase todos bebiam álcool, apesar da hora tenra. Então cuidei de providenciar meu desjejum à base de empanadas portenhas, sem muita conversa. Paguei e saí rumo ao primeiro contato com o oceano Pacífico, ainda virgem em minha retina.

No caminho não era difícil perceber o caos urbano causado por feiras e mercados de peixe, grãos, frutas, verduras, produtos de toda sorte e destino. Adiante, mais ao longe, já avistava fácil guindastes que denunciavam o motivo de boa parte do ambiente caótico. O porto me trouxe imediatamente lembranças da terra natal, que abriga docas e calados muito maiores. O porto de Santos de minha infância impactava, como de fato impacta todo porto, grande ou pequeno, em cidade qualquer. Lembro da feira fenícia que se estendia pela "linha da máquina" — como é chamado o trilho de trem



As fotos que ilustram esta crônica, a capa e a p. 9 são da exposição Um Outro Porto, de Ivan Ivanovick. O trabalho consiste de diversos registros do entorno urbano do Porto de Paranaguá. Segundo o autor, as entranhas dos armazéns cinzentos, das filas de caminhões, dos trens enferrujados, dos pombos comendo os restos dos grãos espalhados pelas ruas carecem de registro, não só como denúncia, mas pela estética que proporcionam. O projeto foi aprovado em edital e financiado pelo Fundo de Cultura do Município de Paranaguá.

na baixada santista, em que vendiamse produtos tais e quais. E em longo devaneio, enquanto caminhava rumo ao cerro Santo Domingo, fui conduzido em memória a cidades portuárias onde já estive. De entrar "pela frente" ou "por detrás", sem que pese qualquer dupla interpretação.

Entreposto de riquezas, de gentes e coisas que vão e vêm. São os marinheiros ou turistas janotas que na verdade sempre adentram cidades portuárias pela "porta da frente". Sejam a Marselha dos sans culottes, a Itajaí dos açorianos ou o Rio de Olavo Bilac em tempos vitorianos. Das dezenas de vezes que já estive em Paranaguá, é certo que apenas uma meia dúzia ou menos aportei, vindo de alguma ilha. Na maioria das vezes cheguei por terra. De toda forma, somente Paranaguá me tornou realidade o devaneio do personagem de Thomas Mann.

Voltando a Valparaiso, quando minha caminhada chega a *el* Arco Británico, já pelo meio do trecho, a vasta juba na estátua do leão inglês me faz lembrar das docas londrinas, onde Francis Bacon (o pintor) divertia-se com estivadores exercitando seu delírio masoquista na prática. Reza que amanhecia acordando de porres homéricos todo ensanguentado, debaixo de algum cais à beira do Tâmisa. Irônico que, à beira do mesmo rio, quando em minha visita recente, a famosa galeria Tate Modern lhe dedicava todo um andar. O *outsider* sendo herói em sua própria terra, mesmo que a beira-rio.

Demorei pra chegar a este ponto, mas só agora lembro que parei para me sentar na praça da Aduana em Valpo, de onde tomaria um ascensor, do qual é possível contemplar toda extensão d'*El Plan*. Desisti de Santo Domingo e embarquei ali na *Artilleria*, cujo ascensor conta 150 anos.

O ponto: é comum aos portos também a fama do vasto exercício do meretrício. Afinal, entreposto de riquezas. Normal que circulem prostitutas, que ruelas abriguem prostíbulos, que pairem nos ares os fluídos e as doenças venéreas, trazidas de longe. Normalíssimo que o frequentem transviados, pervertidos, traficantes, delinquentes de todas as partes, misturados a membros de armadas náuticas de além-mar, marujos e piratas, militares ou da marinha mercante. Tudo isso, mais os locais.

Há um porto da antiguidade, atualmente o decadente balneário de Ostia, Itália. Certa feita, o acaso de uma greve de aviões me proporcionou três dias frios e úmidos neste local, nos arredores de Roma. Imediatamente fui tomado pelo instinto de visitar o lugar onde Pasolini foi assassinado, em 1975, pelas mãos do michê Giuseppe Pelosi, que não bastasse abatê-lo a chutes e pauladas ainda passou com o carro por sobre o corpo, na areia da praia. Há controvérsias sobre a culpa do então garoto, e outras versões do crime surgem agora, 40 anos depois. Construíram um centro comercial, mudando um tanto a face do local. Mas no caminho, vislumbrando o Mediterrâneo pela primeira vez, reparei que os michês continuam por ali. O que endossa o vaticínio de Jorge Amado em Gabriela, quando

descreve o progresso pelo porto de Ilhéus, em que constroem-se casas, pontes e estradas. Apenas as mentes continuam as mesmas, "porque estas demoram mais para mudar". O mesmo que decretava a vertente teórica da *História das Mentalidades*. De fato, não há grandes homenagens ao Pasolini homossexual, comunista e intelectual inquieto na Itália da Igreja, do *fascio* e da *cosa nostra*.

E, já do alto do cerro, vislumbrando enfim o Pacífico, de azul que invade o porto de Valpo, cuja costa se estende a Viña Del Mar, o vaticínio é do meu olhar: não há porto que mude. Há porto que se abandone. Para sempre ou aguardando a volta, na forma de rotina ou triunfo.

Uns portos guardam nomes de altos membros do almirantado. Outros substantivos solenes e tão bonitos como... *port liberty*, que seja. Bem como os adjetivos: de um porto alegre, belo ou seguro. Já que ninguém é profeta em sua terra, é muito certo que estamos sempre a nos referir a um outro porto.

## O chorinho malemolente de Daniel Migliavacca

#### da Redação

Quando nasceu em São Paulo, em outubro de 1984, um anjo pagodeiro disse que os anos 1990 seriam de muito Raça Negra, SPC e Molejão para o bandolinista, professor e compositor Daniel Migliavacca. "Até que conheci o Fundo de Quintal, que me abriu as primeiras portas da percepção. Foi a partir dali que passei a conhecer a velha guarda da música popular brasileira. Hoje posso dizer que a minha escola é o samba".

Migliavacca começou seus estudos musicais aos doze anos, tocando cavaquinho, um estranho presente da mãe, que havia supostamente realizado um desejo do filho. "Ela foi bem enfática ao dizer que eu havia pedido isso e que um avó da família era músico, algo assim". 2003 marca o ponto de inversão na carreira do músico radicado em Curitiba desde 2000. É o caminho da profissionalização. "Passei nesse ano a me dedicar ao bandolim e à música instrumental, especialmente ao Choro. Eu chegava a passar 16 horas estudando e participando de oficinas, workshops".

Alternando regularmente entre bares e casas de música erudita, em 2006, forma o duo Nó de Pinho, ao lado do violonista João Egashira.
O período também marca seu ingresso na Orquestra à Base de Corda de Curitiba, participando do CD *Antiquera*, dividindo o palco com gente do porte de Renato Borghetti, Ná Ozzetti, Zé Renato e Dominguinhos. "Anota aí meus discos

de base: Laércio de Freitas com *São Paulo no Balanço do Choro* (1980); Jacob do Bandolim com *Vibrações* (1967); o duplo da Elizeth Cardoso com o Zimbo Trio e o próprio Jacob do Bandolim (1968); e Moacir Santos com *Coisas* (1965). Ah, e diz que é uma vergonha para qualquer brasileiro não conhecer Pixinguinha".

O seu primeiro CD é de 2009. Lançado de forma independente, Bandolim tem releituras e composições próprias dedicadas ao instrumento, com participação especial do bandolinista Pedro Amorim, entre outros nomes importante do cenário musical brasileiro. Desde 2010, toca com o violonista Marcel Powell, filho de Baden Powell, amigo que, de tempos em tempos, traz à Curitiba. Em 2011, lança Divertimento, parceria com a pianista e cravista Elizabeth Fadel. Gravado no Paco da Liberdade, em Curitiba, o disco conta com as participações especiais do acordeonista Toninho Ferragutti e do violonista Yamandu Costa.

Em 2013, chega o terceiro trabalho de estúdio, *Tocando à vontade*, com seu quarteto formado pelos músicos Gustavo Moro (violão 7 cordas), Glauco Solter (baixo) e Luis Rolim (bateria). Além do quarteto, tem se apresentado também com o duo Bandolaxo, ao lado do baixista Glauco Solter, e tocado em festivais na Ilha do Mel. "Ah, fala do Raphael Rabello. Esse cara mudou a minha vida".

Ivana Podolan



danielmigliavacca.com.br danielmigliavacca@gmail.com

#### O heavy metal experenciador do Kattah

#### da Redação



Fundada em 2006, a banda curitibana Kattah é dessas bandas de heavy metal mais conhecidas fora do Brasil e com proposta musical um tanto inusual. Com referências ao universo árabe - o vocalista e compositor Roni Sauaf é descendente de egípcios e muito influenciado por músicos orientais -, a banda aposta na diversidade. "Sempre quisemos fazer algo diferente, com melodias e ritmos mais abrangentes. Usamos as semitonadas que não são muito comuns na música ocidental, por exemplo", alega o fã de The Cult e do libanês Wael Kfouri. Em 2011, o grupo excursionou com o Angra, outra banda conhecida por expandir os limites do gênero.

Além de Roni, a banda é formada por Victor Brochard (guitarra), Fabiets Machado (baixo) e Ruy Correia (bateria). São dois discos no currículo: *Eyes of Sand*, de 2010, e *Lápis-Lazuli*, de 2014. Este último foi produzido por Roy Z e Andy Haller, que já trabalharam com Bruce Dickinson, Judas Priest, Ozzy Osbourne, Sepultura, System of Down, entre outros.

Dos novos projetos, em primeiro plano está a finalização de A Vela, com previsão de lançamento para o segundo semestre de 2017. "O primeiro álbum tinha uma pegada pacifista. O segundo falava de vida fora da Terra, da cor misteriosa que é o lápis-lazuli. O terceiro será cantado em português". Sobre seu método de composição, Rony alega que compõem com muito cuidado e que a inspiração vem em inglês. "Como todas as bandas, passamos por dificuldades para implantar a nossa música e desenvolver nossa marca autoral. Temos uma cena bacana aqui no Brasil, mas focamos nosso trabalho mesmo é na Europa, no Japão e nos Estados Unidos, onde já fizemos ótimas turnês e temos públicos que conhecem muito bem nossa pegada", completa Rony.





#### **Douglas Scirea**

1. Jonas & Max Blecher

"Então o Senhor ordenou ao peixe, e este vomitou Jonas na Praia."

sua fala comum em todas as noites consistia no relato irreal das linhas do seu quarto grito claustrofóbico das paralelas entre o chão e o teto e da destruição de todos os móveis e fotos

um acontecimento cotidiano no objeto da manhã seguinte seu modo claro e consciente excluía do fato a imaginação de destroços e seus retratos exigia daquilo em seu peito

clamava um apelo do acaso já premeditado em canção

fato esperado

conhecendo seu modo de olhar fixamente para o chão.

seu gosto amargo se fazia sentir no movimento das crises dos tentáculos cotidianos e da natação praticada pelas hidras em seu estômago numa frequente paralisia e movimentação

seu toque reproduziu o desejo do início do orgulho batizado por delírio de unguento sagrado momento irreal e imediato das costas arcadas e das mãos cravadas ao investigar os ossos um por um

arcada protetora dos órgãos divina salvação dos olhos ou mãos que veem sentem e não fazem calcular todas as suas

divinas

costelas.

2.

Teremos acordado quando os pombos terminarem de roer os ossos do filé jogado na calçada da Cruz Machado. O mundo os pombos já terão conquistado quando criarem o próximo iPhone 8. E já na sua próxima pesquisa não saberá quem foi quem antes do *impeachment*.

3.

O avesso da morte que ilumina a noite é obra de Basquiat Morto aos vinte e sete pela ânsia de ser

e foi.

desapercebido

sou o seu duplo
o invisível
nos escombros do self
a sombra por detrás dos espelhos
o desapercebido que passa como um vulto
uma sensação apenas
um frio na espinha

silenciosamente

esgueira-se pelas beiradas confunde-se com os restos de papelão em frente às lojas de departamento recosta-se nas colunas das marquises com medo e frio e observa o mundo com a lucidez da realidade

solitariamente

#### Karen Debértolis









JONAS OLIVEIRA - LUGARDEFALO. WORDPRESS. COM

#### Sérgio Monteiro de Almeida

